



RODRIGUES E AMADO, ALGO EM COMUM

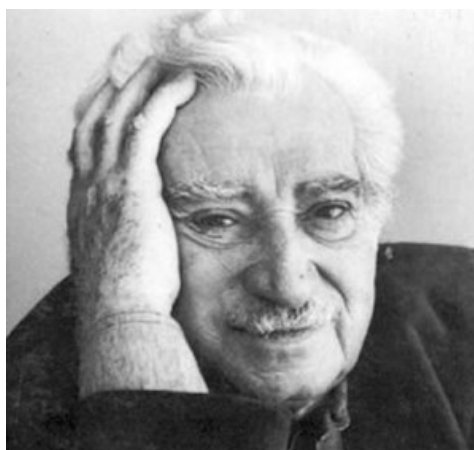
NELSON RODRIGUES

“O grande acontecimento do século foi a ascensão espantosa e fulminante do idiota.”

NESTA EDIÇÃO

Rodrigues e Amado, algo em comum	1
Editorial	2
Descobri Jorge Amado	2
Dia do Filósofo	3
Nossa Gramática	3
A vida como ela é, de Nelson Rodrigues	4

Dois escritores de nome e renome na literatura e cultura brasileira, que coincidentemente nasceram no mesmo ano, 1912. Jorge Amado e Nelson Rodrigues, talvez tivessem suas diferenças, que de fato existiam conforme relatos, mas a habilidade de ambos com a escrita torna-os justamente célebres com as palavras e com o a arquitetura literária que produziram.



Jorge Amado poderia ser chamado de sensual demais em suas obras pelo fato de não esconder as relações mais íntimas de seus personagens que quase beiravam a promiscuidade, mas que em nada distorce o que os leitores reconhecem da realidade. Do mesmo modo, Nelson Rodrigues poderia ser classificado de um “perverso literário” pelos insistentes casos de libertinagens casuísticas, especialmente em suas crônicas, revelando as mais insuspeitas traições no interior das mais respeitadas famílias da alta sociedade.

Mas o que desejo destacar, é a habilidade destes dois escritores em construir cenários autênticos e de uma fácil visualização para o leitor de ontem e o de hoje, como também será para o leitor de amanhã. Considero esplêndida

esta facilidade narrativa que alguns escritores desenvolvem sem perder a desenvoltura intelectual capaz de enriquecer a profundidade de diversos temas da vida humana nas mais simples e talvez banais cenas na vida de seus personagens.

É fascinante colocar lado a lado estes dois escritores para que também se perceba a riqueza de nossa literatura brasileira, que em consequência de tão vasto território nacional, acaba por trazer à superfície variadas narrativas que tentam traduzir os costumes locais. Assim Jorge Amado o fez com sua amada Bahia e Nelson Rodrigues especialmente com o Rio de Janeiro.

Parece-me um ponto bastante em comum entre estes dois escritores a visão focada quase essencialmente nas relações interpessoais de seus personagens. Nestas relações que, em realidade, constroem a sociedade a partir do indivíduo e seu pequeno círculo por ele construído ao longo do tempo e



onde se desenrola as mais íntimas e decisivas aventuras. O foco nas relações humanas dos homens e mulheres simples parece ser o ponto que os torna semelhantes.

Klaus Tolst
tolst.klaus@hotmail.com

NA REALIDADE ESTÁ A FORÇA DA LITERATURA

Caro leitor.

A literatura muitas vezes pode ser tratada como uma espécie de fuga da realidade, fuga de um mundo que não gostamos de ver e de viver. Sem seguir a trilha de psicologismos, é importante ressaltar o que todos os escritores entendem apesar de seus mais variados estilos literários: A literatura extrai sua força justamente da realidade onde vivemos e que podemos considerar totalmente fora do ideal que utopicamente imaginamos.

Com um livro entre as mãos, de qualquer escritor de nossa preferência, podemos observar atentamente as referências que este faz justamente da realidade, de nossa realidade. Afinal, ele nunca conseguirá atingir aquele poder de criar uma realidade sem qualquer referência a esta onde ele mesmo—o escritor—está presente. Mesmo o livro de ficção científica mais ela-

borado, só existe assim porque tudo o nele criado é em relação ou referência a algo que na realidade existe ou existiu. De maneira que não podemos supor outra coisa senão que é justamente a realidade que faz os melhores escritores, pois quanto mais se tenta—de maneira inútil, podemos dizer—fugir da realidade, mas chance temos de nos tornarmos escritores sem expressão e sem conteúdo.

O leitor, que não pode ser passivo na dinâmica da literatura, também consegue entender que a realidade presente nas obras em referência a realidade mesmo em que vive, é o que torna a obra algo de fascinante para o leitor, por ajudar o próprio a perceber onde vive e talvez até, como viver melhor.

Um escritor chamado de visionário não é aquele que foge de nossa realidade, mas aquele que a partir dela cria algo novo, mas sem subitamente eliminar o chão de onde tira suas forças.

Editor
oleitor.info@gmail.com

DESCOBRI JORGE AMADO

Acredito que para alguns leitores parecerá engraçado ou até mesmo ridículo o que irei revelar: Tinha pelo escritor Jorge Amado uma total aversão, especialmente por certo sentimento moralista que possivelmente me orientava. E falo em “tinha” porque bastou-me aventurar-me numa de suas obras para perceber que seu prestígio de grande escritor não lhe fora credenciado de maneira leviana e tampouco sem necessária observação.

Primeiro direi que ainda não eliminei totalmente minha desconfiança a cerca do estilo que predomina nas obras de Jorge Amado, especialmente por esta insistente rotina em destacar a vida íntima e muitas vezes pervertida dos personagens.

No entanto, confesso que seu estilo literário faz saltar à imaginação um quadro vivo das manifestações diárias e corriqueiras dos povos simples que retrata em seus livros. O primeiro livro que li de Jorge Amado foi o *Mar Morto*, um romance que tenta retratar a vida ordinária do povo baiano que vive à beira do mar, trabalhando em embarcações de transporte de mercadorias. E foi vislumbrando a rotina deste povo, com detalhes amorosos e de certa vigarice, que observei o quanto o escritor era apaixonado pela vida simples daqueles que lutavam não somente para sobreviver,

“...seu estilo literário faz saltar à imaginação um quadro vivo das manifestações diárias e corriqueiras...”

mas também para prosperar, mesmo com a grande força da injustiça pesando sobre os mais trabalhadores.

A partir desta obra que citei, percebe-se também a religiosidade dos terrenos de candomblé e do sincretismo religioso com as liturgias católicas que fizeram parte da vida de Jorge Amado. Como filho de Iemanjá, o escritor não se esquivava em tentar evidenciar o quanto a vida no povo simples deste pedaço do país vive a mercê dos caprichos desta deusa e seus mitos.

No livro *Mar Morto* encontrei um escritor hábil com as palavras e com a construção narrativa de suas histórias, como também um escritor dedicado a fazer visível um pedaço da cultura brasileira que não se pode negar que exista, pois faz parte do que herdamos especialmente dos africanos que forçosamente tiveram que desembarcar nestas terras.

Pedro Dóxil
pedrodoxil.oleitor@gmail.com

DIA DO FILÓSOFO: LITERATURA E FILOSOFIA



No dia 16 de agosto, mundialmente comemora-se o Dia do Filósofo, uma data fixada pela UNESCO em 2005.

Já foi publicado aqui neste informativo, na 5ª edição, um interessante texto do filósofo Olavo de Carvalho recentemente falecido, sobre a arte de ler e escrever. Neste texto de Olavo encontramos a seguinte observação: A arte de resumir um ar-

gumento numa frase simples e ao mesmo tempo forte e brutal, que carregue algo de estupendo a ser destrinchado pelas mentes ávidas de leitura e conhecimento é uma tarefa que distingue um bom escritor e filósofo, afinal, este indivíduo dedicado ao estudo quase monástico dos assuntos existenciais para a vida humana, acaba por desenvolver certa desenvoltura que a maioria dos escritores de literatura universal poderiam não compreender.

Deveras parece-me um ponto importante a se observar o fato de que o exercício da escrita na literatura

“...o escritor filósofo e o escritor literato não rivalizam e nem se subordinam entre si...”

universal e a especificamente filosófica se encontram no profundo do espírito humano, de onde vemos surgir as mais belas páginas de fantasia e romance que ao mesmo tempo metaforizam a mais real e brutal verdade existencial do ser humano.

É desta feita que, o escritor filósofo e o escritor literato não rivalizam e nem se subordinam entre si, mas caminham misteriosamente na mesma direção, mesmo que aparentemente por caminhos diversos que vez por outra se inter cruzam.

O filósofo pode não ser um produtor exímio de literatura, mas com certeza a literatura não lhe é avessa.

Um filósofo

Envie seu comentário para nosso e-mail
info.oleitor@gmail.com

GNossa gramática

AS DIVISÕES NA GRAMÁTICA: FONEMA

Os sons que emitimos quando falamos são chamados de fonemas.

Uma palavra é formada por várias pequenas partes e quando a pronunciamos, significa que emitimos cada uma das suas partes que, juntas, formam essa palavra.

Na escrita, as palavras são formadas por letras, enquanto na fala, as palavras são formadas por fonemas.

Letra e fonema são diferentes. Percebemos isso quando pensamos na letra x. Nas palavras seguintes, a letra x (escrita) tem diferentes fonemas (sons):

- em caixa, o x tem som de x /c/ /a/ /i/ /x/ /a/
- em texto, o x tem som de s /t/ /e/ /s/ /t/ /o/
- em fixo, o x tem som de cs /f/ /i/ /c/ /s/ /o/

CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Os fonemas são classificados em vogais, semivogais e consoantes.

- as vogais são emitidas sem obstáculos
- as semivogais são emitidas junto com uma vogal
- as consoantes são emitidas com obstáculos

Essa classificação é feita considerando a forma como os fonemas são produzidos pelos órgãos do aparelho fonador, que incluem boca, cordas vocais, fossas nasais pulmões, entre outros.

PRECISANDO DE AJUDA COM:

- * Correção de textos;
- * Formatação de trabalhos conforme ABNT;
- * Ajuda com atividades em Portais EAD;
- * Trabalhos de Conclusão.
- * E outros;

Entre em contato pelo E-mail valderi@valderi.com.br ou WhatsApp (51) 99634-5360

A VIDA COMO ELA É, DE NELSON RODRIGUES

Não se engane o leitor, não é nada fácil escrever sobre Nelson Rodrigues, figurinha que facilmente engana logo a primeira vista. Por este motivo, hoje mencionarei este escritor brasileiro a partir de uma de suas obras intitulada *A Vida como Ela É*, coleção de crônicas que originalmente fora publicada em dois volumes e que hoje podemos encontrar em volume único.

Nelson poderia ser erroneamente taxado de simplório e vulgar em suas narrativas romanceadas da vida comum do brasileiro de classe média, mas sua visão revela-se além do mero vulgar e medíocre que a vida cotidiana dos brasileiros podem alcançar com a tamanha enganação dos penduricalhos de seu tempo, seja na cultura, na arte e na vida social.

Em *A vida como ela é* o escritor revela um amontado de crônicas que expressam em sua grande maioria a leviana convicção moral e tamanha mediocridade de consciência do povo que vive como se a farra e a infidelidade matrimonial fosse a mais certa atitude para abolir a infelicidade de seu tempo. Em um conjunto numeroso de casos sobre a quase patética força moral e racional dos indivíduos ilustrados em suas crônicas, vemos a mais epidérmica orientação humana e intelectual que uma sociedade pode alcançar, mesmo com satisfatória vitória financeira.

Casais que fingem se amar; maridos que hipocritamente posam de virtuosos enquanto sustentam romances paralelos; esposas que revelam a enganadora imagem comercializada de “dona de casa fiel” enquanto alimenta sentimentos nada fieis com outros homens; além de casos de narcisismo e doentio ciúmes numa relação. Nelson Rodrigues nos apresenta em casos específicos e romanceados uma variedade de cenas que nos podem levar a odiar a virtude e amar a libertinagem, apesar de concordarmos serem de total reprovação. Mas isto não podemos dizer que fora a intenção do escritor, a de alimentar em nós, leitores, uma vida de libertino ou de infiel, desonesto e cretino. Acredito que Nelson através destas crônicas, desejasse nos mostrar o veneno moral que existe em todas as camadas de uma sociedade, independentemente da conta bancária, e que esta doença

pode alcançar níveis de loucura e perigoso atentado a própria vida.

São tantos casos reunidos por Nelson nesta livro que alguns, lá pelas tantas, parecem se repetir, como que alterando somente um nome aqui, um detalhe no trabalho do marido ali ou o perfil psicológico da esposa.

Mas mesmo com esta impressão, que todos os leitores poderão ter a medida que avançam na leitura desta obra, em nada se perde a curiosidade que a narrativa nos alimenta em cada caso.

Acredito que *A vida como ela é* deveria ser aquele tipo de livro que deveríamos ler no período de férias, quando a tranquilidade do “não ter compromisso” possa nos fazer mergulhar com a imaginação na narração produzida pelo escritor. É um livro não para ser estudado, mas para servir de retratos da vida, mesmo que a maioria de nós não encontre comparativos em nós mesmos ao personagens que Nelson ali fixou.

Talvez de toda a obra aqui citada, destacaria a sutileza com que Nelson Rodrigues trata da “não separação” mesmo após a descoberta de uma traição. Em mais de uma crônica o escritor, depois de expor o traído ao ridículo da traição, descreve sua atuação como a de quem perdoa a ofensa em nome da indissolubilidade do casamento. Talvez não por sentimentos religiosos, mas por reputação social, o que de modo geral, não anularia a sutil ideia de que a força de um perdão pode sustentar a rachadura moral imposta por um dos membros desta sociedade chamada casamento. Mas além desta intenção de verniz social, existe uma intenção de verdadeiro amor conjugal que parece superar a dor e a ignomia da atitude injusta do traidor. Talvez isto poderia revelar alguma ideia de verdadeiro amor, segundo esta crônicas de Nelson Rodrigues.

Nelson Rodrigues com certeza faz parte daqueles escritores que revelam fortes sentimentos nos leitores, sejam eles de amor, simpatia ou mesmo de ódio. Sua inteligência aguçada e forte, exige daqueles que se aproximam dele certa sensatez para um equilibrado julgamento de seus escritos.

Valderi da Silva
valderi@valderi.com.br



Apoio e divulgação:
VALMI
Projetos G. e C.
fb.com/valmi.projetos
Instagram.com/valmi.pgc



Organização:
Societas Libri
Sociedade de Literatura
twitter.com/LibriSocietas
Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:
oleitor.info@gmail.com
Ou faça a assinatura mensal pelo link
www.oleitor.info/assinatura